

## Clara Nunes: uma cantora popular

Silvia Maria Jardim Brügger\*

**Resumo:** Nesta comunicação, analiso a carreira da cantora Clara Nunes (1942-1983), problematizando sua relação com a cultura popular brasileira. A mineira iniciou sua trajetória artística em Belo Horizonte, como cantora da noite, que se apresentava com destaque nas rádios e TV locais. Mudou-se, em 1965, para o Rio de Janeiro, ao assinar contrato com a Gravadora Odeon. Seus primeiros discos apresentam uma tônica romântica, voltada sobretudo para a gravação de boleros. Ainda na década de 60, flertou com o iê-iê-iê. Mas os resultados não foram animadores para a gravadora, nem para a cantora. O sucesso de fato começou, a partir dos anos 70, quando sua carreira direcionou-se para as tradições populares da cultura brasileira. Mostro como essa guinada se deveu ao encontro de um produtor de formação socialista, Adelson Alves, com uma cantora que trazia em sua história familiar os elementos populares, entendidos como definidores da nacionalidade brasileira. Analiso ainda como essa carreira se relaciona com momentos da história da música popular brasileira.

**Palavras Chave:** Clara Nunes; música popular brasileira; cultura popular

**Abstract:** In this communication I analyze the career of the singer Clara Nunes (1942-1983) inquiring its relation with Brazilian popular culture. Born in Minas Geraes, she started as a crooner in the Belo Horizonte nights and singing in the local radios and Tv programs. In 1965 she moved to Rio de Janeiro, city where signed a contract with the Odeon group. In the first albums, the focus was placed in romantic music and some boleros. During the sixties, even though she approached the rock music (yeah-yeah-yeah style). The commercial results for the Odeon group and for her were modest. The success came in the seventies, when her career was directed for the folk traditions of the Brazilian culture. I demonstrate that this route change was related with the encounter between a promoter with socialist ideals, Aldezon Alves, and a singer with familiar background of Brazilian folk identity. I still analyze how this career is correlated with some periods of Brazilian popular music history.

**Key-words:** Clara Nunes; Brazilian popular music; popular culture

### I. A Construção de uma carreira popular

A cantora Clara Nunes, mineira de Paraopeba<sup>1</sup>, celebrou-se na história da música brasileira como intérprete de gêneros populares, sobretudo, o samba, e construiu uma imagem de forte relação com as religiões afro-brasileiras, representada, entre outros aspectos, pela presença em seu repertório de músicas com esta temática e por uma indumentária que remetia àquelas tradições: roupas brancas rendadas, uso de guias religiosas e frequentes apresentações descalças. No entanto, esta não era a marca da cantora no início de sua carreira.

---

\* Professora Adjunta da Universidade Federal de São João del Rei. Este trabalho é parte do resultado da pesquisa intitulada “O Canto do Brasil Mestiço: Clara Nunes e o popular na cultura brasileira”, financiada pela FAPEMIG, entre 2005 e 2007, e que se constituiu em minha investigação de Pós-doutorado, realizada na UFF, entre 2007 e 2008.

<sup>1</sup> Clara Nunes nasceu em Cedro, distrito de Paraopeba, que, hoje, é a cidade de Caetanópolis.

Em 1960, Clara ganhou a fase mineira do concurso “A Voz de Ouro ABC” e classificou-se em terceiro lugar no certame nacional. Na final da fase mineira, cantou “Serenata do Adeus”, de Vinicius de Moraes e, na nacional, em São Paulo, o samba canção “Só Deus”, de Jair Amorim e Evaldo Gouveia. A tônica romântica marcou o início da profissionalização de Clara como cantora. Com os resultados alcançados, assinou contrato com a Rádio Inconfidência de Belo Horizonte. No início da década de 60 conquistou espaço na noite e na mídia da capital mineira. Neste processo, Clara manifestava o desejo de gravação de um disco próprio. Em 1961, participou do LP comemorativo dos 25 anos da Rádio Inconfidência, com a faixa “Vida Cruel”, de Jadir Ambrósio e Wilson Miranda<sup>2</sup>. Nos anos seguintes, chegaram a circular na imprensa notícias de que ela iria gravar por diferentes gravadoras<sup>3</sup>. Um compacto simples de Clara chegou a ser gravado pela gravadora mineira MGL, em 1963/64. Segundo Dirceu Cheib, um dos donos da gravadora mineira, a gravação foi feita em São Paulo. Mas, ao receberem o disco e começarem a distribuí-los para as rádios de Belo Horizonte, perceberam um pequeno defeito em uma das faixas. Por isso, devolveram o material para a fábrica em São Paulo para ser refeito. A fábrica reaproveitou o vinil, mas ao buscar a fita no estúdio onde havia sido feita a gravação, para reprensar o disco, veio a surpresa: tudo havia se perdido! A imprensa chegou a noticiar a gravação do disco: “Transformando em realidade um simples sonho de moça do interior, Clara Nunes (...) conseguiu chegar a seu ideal: gravar um disco com o samba-canção “Um Olhar” e com a bossa-nova “É Demais”. ”<sup>4</sup>

Com a frustração dessa experiência, Clara continuou procurando um caminho para a gravação. Seu primeiro disco saiu em 1966 pela gravadora multinacional Odeon. Segundo ela, quem lhe abriu as portas dessa gravadora foi o radialista, apresentador e compositor José Messias<sup>5</sup>. Sua relação com ele deveu-se a um fato ocorrido em Belo Horizonte e que é contado pelo próprio Messias em seu livro de memórias:

*Na ocasião, estava eu em um inesquecível palco teatro, na capital do meu estado [MG], com a feliz responsabilidade de apresentar um megashow [...]. Estavam comigo Dalva de Oliveira, Orlando Silva, Emilinha Borba, Cauby Peixoto, Roberto Luna, Ângela Maria e Miltoninho. [...] Logo no início do espetáculo, alguém me procurou e apelou: “Temos um jovem cantor local que, com certeza, poderá ser um dos mais brilhantes desta noite”. Considerando minha sobrecarga de atrações, eu disse: “Não”. E o show continuou.*

<sup>2</sup> LP Os Vibrantes 25 Anos da Rádio Inconfidência. Gravadora Copacabana, 1961.

<sup>3</sup> Entre outras, Coluna Rádio & TV, Jornal Última Hora, 12/02/1962.

<sup>4</sup> “Rainha não pode amar”. Jornal Correio de Minas, Belo Horizonte, 16/02/1964.

<sup>5</sup> Clara Nunes falou sobre isso na matéria “Clara Nunes se considera uma cantora do Povo”, de autoria de Denise Guedes Look, publicada no Jornal A Notícia, em 21/07/1973.

*Em seguida chega um outro grupo que me assegura: “Tenho uma cantora que faz um baita sucesso na tevê local”. Mais uma vez eu disse não, já meio zangado. Alguém, aparentemente um assessor do governo que, pareceu-me, estava patrocinando o show, asseverou diplomaticamente: “Seria muito bom que um outro talento mineiro brilhasse tanto quanto você”. Foi fundo. [...] Para não perder a pose, já vendo a moça (muito bonita) ali por perto, sentenciei: “Então um número para ela e outro para o rapaz”. [...] Quem é o rapaz? Perguntei. Era Silvio Aleixo, um negro elegante e porte de malandro refinado. [...] O crioulo entrou e arrasou. Em seguida, anunciei a moça: Clara Nunes. Ela, antes de cantar, interrompendo a introdução, falou: “Aproveito a oportunidade, e peço licença à platéia para duas homenagens. Primeiro, à Dolores Duran, recentemente falecida, e, ao compositor mineiro, José Messias, que fez um belo tributo à querida cantora. Este samba tem sido muito tocado nas últimas semanas em todas as emissoras de Belo Horizonte. Espero que todos cantem comigo”. Cantou “O Sono de Dolores” de uma maneira tão emocionante e tão envolvente, que o samba mais parecia uma santíssima prece de saudade sobrenatural. Chorei. Os artistas (nos bastidores) choraram. O auditório (de pé) chorou e cantou junto. E, em meio aos aplausos, continuou falando: “Viu Dolores, todo mundo chorou por causa de você”. [...] No que me sobrou de fôlego e de inspiração disse: “Se mais não tenho, o que posso oferecer a esses moços mineiros são minhas mãos para ampará-los, minha voz para orientá-los, se preciso for, lá no Rio”. E eles aceitaram. Pouco tempo depois, lá estavam eles, nos estúdios da Rádio Guanabara e da TV Rio, procurando-me. Logo em seguida consegui um disco para o Silvio na Phillips. [...] Coloquei Clara nos corredores e gabinetes da Odeon. Não foi fácil. Naquele tempo cantoras não vendiam discos. Eram deusas de popularidade; o povo cantava seus enormes sucessos em seus shows, em que elas recebiam incontáveis faixas e muitas coroas douradas; porém, não recebiam “Discos de ouro”. [...] Por isso cantoras não interessavam ao mercado. Talvez por isso, a rejeição à Clara. [...] Não desisti. Insisti. [...] Toda semana eu falava sobre o mesmo assunto; desde o porteiro até o diretor. [...] (MESSIAS, 2006: 214-216)<sup>6</sup>*

Destaque-se o senso de oportunidade de Clara na escolha da música e o impacto que a interpretação causou em José Messias. A partir daí, ela ganhava um importante amigo no Rio de Janeiro, que a ajudou na conquista do sonhado disco. A insistência de Messias acabou dando resultado: em 1965, tendo assinado contrato com a gravadora Odeon, Clara mudou-se para o Rio de Janeiro e gravou o seu primeiro LP, “A Voz Adorável de Clara Nunes”, lançado em 1966. Neste disco, interpretou, principalmente, boleros (seis entre as doze faixas),

---

<sup>6</sup> Outra versão sobre a gravação de Clara na Odeon é apresentada por Aurino Araújo, à época, namorado de Clara. Segundo ele, ela teria assinado contrato com a Odeon como resultado de sua classificação no Concurso “A Voz de Ouro ABC”. A gravação teria sido postergada no tempo por relutância da própria Clara. Lembre-se que o concurso foi realizado no final de 1960 e seu LP saiu apenas em 1966. Cf. Entrevista concedida por Aurino Araújo a Josemir Teixeira e Marlon Silva, em Joáima, Minas Gerais, em 15/12/2007. Essa versão foi endossada na biografia de Clara Nunes. Cf. FERNANDES, 2007. No entanto, ela nos parece menos factível do que a apresentada por Messias e Clara. Em primeiro lugar, pela distância de tempo entre os dois fatos: o concurso e o lançamento do disco. Além disso, neste intervalo de tempo, são freqüentes as notícias em jornais sobre as tentativas de Clara para gravação de um disco, inclusive com a realização de um deles pela MGL, o que seria impossível se ela já tivesse contrato assinado com a Odeon como afirma Aurino Araújo. Além disso, no acervo da cantora, no Instituto Clara Nunes, encontra-se o contrato assinado por ela com a Odeon, datado de 26/01/1965.

seguindo a intenção da gravadora de transformá-la em um “Altemar Dutra de saias”<sup>7</sup>. A temática amorosa se faz presente em onze das doze músicas deste disco. Em 1967 e 1968, lançou compactos com gravações de versões de músicas estrangeiras, também com predomínio de temáticas românticas. Em seu segundo LP, de 1968, passou a gravar sambas, a partir de sugestão de Ataulpho Alves<sup>8</sup>, e emplacou seu primeiro sucesso com a música “Você passa, eu acho graça”, que dá título ao disco. Das 12 faixas, pelo menos seis são sambas e uma pode ser considerada um samba-bossa. A temática romântica domina o disco, aparecendo novamente em onze músicas. Apesar do predomínio de sambas, neste LP, a performance de Clara, continua ligada a forma de interpretar o repertório anterior, com uma colocação de voz mais impostada, dramatizada e um canto menos de peito, típico do canto popular do samba. Os arranjos, embora apresentando grande destaque para instrumentos como o piano e naipes de metais, em especial, nos sambas, introduzem um instrumento típico dos chamados “sambas de morro”, a cuíca. O terceiro LP continua com uma presença marcante de sambas (cinco músicas) e a temática romântica se faz presente em oito faixas. Destaca-se, neste disco, a presença de três músicas compostas pelo produtor do disco, Carlos Imperial, além de uma de domínio público, Casinha Pequeninha, com arranjo do mesmo Imperial.

O balanço que se pode fazer destes anos iniciais da carreira discográfica de Clara é o de uma cantora em busca de um norte. Ela gravava sambas, boleros, baladas, marchas, versões, mas não possuía uma linha definida de atuação. Participou de vários festivais, flertou com a Jovem Guarda. Como afirmou, em uma matéria publicada pela Revista do Rádio, em 1967, ao justificar sua adesão ao iê-iê-iê: “-Quero mostrar que sou cantora para qualquer

---

<sup>7</sup> Cf. Entrevista concedida por Alaíde Araújo a Josemir Teixeira e Silvia Brügger, no Rio de Janeiro, em 06/05/2007.

<sup>8</sup> Segundo depoimento de Clara Nunes dado por volta de 1973/74 e apresentado no especial “Clara Guerreira”, exibido na TV Globo após a sua morte, em 1983, ela conheceu Ataulpho através de um ex-secretário dele, Jorge Santos, e assim se tornaram grandes amigos. Ataulpho sempre lhe dizia: “Clarinha, canta samba! Você tem que cantar música brasileira. Você tem uma voz tão boa!”. Depois disso, ele a acompanhou em uma conversa com Milton Miranda, diretor artístico da Gravadora Odeon e diretor de produção dos discos de Clara. A gravação de “Você passa, eu acho graça” decorreria, então, dessa intervenção do próprio Ataulpho. Outra referência à interferência de Ataulpho aparece na letra da música “Mineira”, composta por Paulo César Pinheiro e João Nogueira, em homenagem a Clara, no verso em que o eu poético diz para a homenageada: “Canta o samba verdadeiro / Faz o que mandou mineiro / Oh! Mineira!”. Nunca é demais lembrar que Ataulpho era mineiro, de Miraflores. A letra dessa música, gravada por João Nogueira, faz parte do encarte do LP de Clara Nunes “Canto das Três Raças”, de 1976. Por outro lado, segundo a divulgadora da Odeon, Alaíde Araújo ela e seu marido, que era radialista, freqüentavam ambientes de samba e Clara esteve com eles em rodas, ensaios de escolas, como a Mangueira, além de ouvir o gênero em sua casa. A partir daí, Alaíde teria percebido que Clara se adequaria muito mais a esse estilo musical, passando a interceder dentro da Gravadora pela mudança de seu repertório. Cf. Entrevista concedida por Alaíde Araújo a Josemir Teixeira e Silvia Brügger, no Rio de Janeiro, em 06/05/2007.

interpretação.”<sup>9</sup> Era uma cantora com uma voz potente, com um canto dramatizado, com ornatos vocais, que usualmente alongava as sílabas, reforçando a dramaticidade das músicas.

Clara apresentava-se em diversos programas de rádio e TV. Recebia prêmios. Mas, seus três primeiros LPs não alcançaram sucesso comercial (Ver Quadro 1). Em 1968, Clara reconhecia os problemas da escolha de um repertório de qualidade que considerava duvidosa. Assim, Ary Vasconcelos publicava no Jornal O Globo de 21 de junho daquele ano: “Clara Nunes tomou a decisão mais importante de sua vida: de agora em diante não grava mais versão nem submúsica. Vai se dedicar exclusivamente à Música Popular Brasileira, tradicional e moderna.”<sup>10</sup>. Se esta percepção da cantora remontava a 1968, só em 1970, efetivamente sua trajetória adquiriu novos rumos, quando a gravadora Odeon convidou para produzi-la o radialista Adelson Alves (Ver Quadro 1). Apresentador de um programa na Rádio Globo, “O Amigo da Madrugada”, dedicado, principalmente, ao samba. Sua escolha para a função já sinalizava o rumo que a carreira da cantora tomaria. Ele condicionou a aceitação do convite à total liberdade para dirigir a carreira de Clara. Daí em diante, passou a conferir um direcionamento, uma linha de atuação para a cantora. Não bastava, para ele, que ela gravasse sambas<sup>11</sup>. Era preciso que construísse uma imagem de cantora ligada às raízes da cultura brasileira. Assim, não apenas ela passou a gravar diferentes gêneros da tradição musical brasileira, como sambas, frevos, forró e jongos, mas sua forma de interpretar as músicas foi se modificando, deixando de lado impostações e vibratos presentes em suas primeiras gravações. Os arranjos também sofreram alterações, incorporando progressivamente os instrumentos de percussão típicos dos ritmos populares.

O direcionamento proposto pelo radialista devia-se à sua formação socialista, que o levava a ver o povo e sua cultura como manifestações autênticas da nacionalidade, capazes de livrar o país de seus problemas sociais, e coadunava-se perfeitamente com o momento político e cultural brasileiro da década de 1960 e início da de 1970. A produção de uma música engajada – com suas diversas matizes – insere-se neste contexto. Assim, na época, são produzidos espetáculos como *Opinião*, *Arena conta Zumbi*, *Rosa de Ouro*, que, com suas singularidades, têm em comum a busca por trazer à tona o “popular” (NAPOLITANO, 2001). É neste cenário que Adelson forma sua consciência socialista e, de certa forma, o que ele

---

<sup>9</sup> “Se o amor mandar Clara Nunes troca tudo por ele...”. Revista do Rádio, no. 892.

<sup>10</sup> VASCONCELOS, Ary. “Discos Populares – Clara Nunes renuncia à submúsica”. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 21/06/1968.

<sup>11</sup> O que, diga-se de passagem, Clara já fazia desde, pelo menos, o carnaval de 1967, quando fez sucesso com a marcha “Carnaval na Onda”, de José Messias e com o samba “Porta Aberta”, de Jair Amorim e Benedito Reis. Cf. , entre outras matérias jornalísticas, “Vida de Clara Nunes é um Carnaval”. *Revista Intervalo*, no. 204, 1966, p. 48; “Clara Nunes: Chega de Marmelada”. *Revista Intervalo*, no. 256, 1968.

projetou como carreira para Clara Nunes trazia a marca desta perspectiva dos anos 60, da busca de uma autenticidade do “povo brasileiro”, capaz de inspirar um Brasil novo, sem as mazelas da sociedade urbana capitalista (RIDENTI, 2000).

Por outro lado, esta proposta encontrou uma cantora que possuía em sua trajetória forte relação com o universo popular. Nascida no interior das Gerais e filha de violeiro e folião de Reis, vivenciou folguedos como os de Reis, os das Pastorinhas e os do Congado, desde a infância. Assim, entendo que a proposta política de Adelzon Alves se direcionou a uma cantora que, se havia gravado boleros e feito incursões pelo iê-iê-iê, possuía, no entanto, uma experiência pessoal e familiar da cultura popular que o produtor propunha resgatar. Pode-se dizer que Clara realizou, a partir de então, uma reapropriação de sua própria experiência familiar, o que foi fator importante para o sucesso do projeto e para sua assimilação pela própria intérprete. De tal forma que ela não mais o abandonou, mesmo quando deixou de ser produzida pelo radialista, em 1974.

**Quadro 1 – Vendagem dos LPs de Clara Nunes**

| LPs                                   | Vendagem         |
|---------------------------------------|------------------|
| A Voz Adorável de Clara Nunes (1966)  | 3.100            |
| Você Passa, Eu Acho Graça (1968)      | 6.900            |
| A Beleza que Canta (1969)             | 6.500            |
| Clara Nunes (1971)                    | 23.900           |
| Clara Clarice Clara (1972)            | 40.400           |
| Clara Nunes (1973)                    | 75.600           |
| Alvorecer (1974)                      | 312.000          |
| Brasileiro Profissão Esperança (1974) | 73.300           |
| Claridade (1975)                      | 401.000          |
| Canto das Três Raças (1976)           | 390.000          |
| As Forças da Natureza (1977)          | 205.000          |
| Guerreira (1978)                      | 193.600          |
| Esperança (1979)                      | 197.300          |
| Brasil Mestiço (1980)                 | 142.000          |
| Clara (1981)                          | 139.100          |
| Nação (1982)                          | 90.800           |
|                                       | (até 28/02/1983) |

Fonte: Gravadora Emi-Odeon. Dados publicados no Jornal *Estado de Minas*, em 03/04/1983.

Adelzon deixou a produção dos discos da cantora por ocasião do rompimento do relacionamento afetivo que também os unia. Clara se casou, em 1975, com o poeta e compositor Paulo César Pinheiro, que passou, a partir de 1976<sup>12</sup>, a produzir seus discos. Mas, a marca fundamental de sua carreira estava construída: a relação com os gêneros populares e a busca de ser uma “cantora popular brasileira”.

<sup>12</sup> O Lp “Claridade”, de 1975, que quebrou a marca de 500 mil cópias vendidas foi produzido pelo violonista Hélio Delmiro, que trabalhava com Clara e Adelzon nos discos anteriores.

## II. A carreira de Clara Nunes no contexto musical brasileiro

Clara iniciou sua carreira dentro de uma trajetória típica de cantora de rádio e de *crooner* nas casas noturnas. Desde jovem, fugia de sua cidade natal para se apresentar na rádio da vizinha cidade de Sete Lagoas<sup>13</sup>. Em Belo Horizonte, foi levada às emissoras de rádio pelo compositor e músico Jadir Ambrósio, que a descobriu cantando em uma quermesse de igreja. Na capital mineira, cantou também em diversas casas noturnas e no Clube Cruzeiro. Foi contratada das Rádios Inconfidência e Guarani. Na década de 1950 e início da de 1960, o modelo para os que pretendiam seguir carreira era o das famosas cantoras de rádio: Dalva de Oliveira, Ângela Maria, Dolores Duran, Emilinha Borba, entre tantas outras. Afinal, vivia-se desde os anos 1930/40, a chamada Era do Rádio. Os programas de auditório transformavam os artistas em verdadeiros ídolos, adorados e festejados por seus fãs. Em meados da década de 1960, porém, um outro veículo de comunicação começou a se afirmar, diminuindo progressivamente o espaço do rádio: a televisão. Clara, ainda em Belo Horizonte, teve também uma experiência importante neste meio, com o programa “Clara Nunes Apresenta”, dirigido por Keffel Filho, em 1965, na TV Itacolomi. Ao buscar o Rio de Janeiro e São Paulo como espaços para divulgação de sua arte e crescimento de sua carreira, era também em programas de rádio, como os de César de Alencar ou José Messias, e de TV, como o do Chacrinha, que ela se apresentava.

Foi, portanto, esse o espaço de formação da cantora Clara Nunes: o rádio, as casas noturnas e, posteriormente, a TV. Assim, parece compreensível a performance que ela apresentava em seus primeiros discos: uma impostação de voz típica das cantoras de rádio, coisa inclusive que não manifestava em sua primeira gravação, em 1961, a música “Vida Cruel”. O crescimento na carreira, o sucesso na capital mineira e os anos iniciais de trabalho no Rio refletiam-se em uma mudança de sua performance vocal. Sua voz encorpou e adquiriu uma impostação e ornatos vocais, que não se notavam na primeira gravação.

O repertório dos primeiros anos de carreira também se coadunava com esta trajetória. Repertório romântico que ela cantava na noite e nas rádios. No entanto, Clara iniciava sua carreira discográfica em um momento em que os destaques não eram mais os mesmos dos anos 1950. Os boleros e samba-canções que dominaram aquela década já eram considerados por muitos como antigos ou ultrapassados. A Bossa Nova criara uma forma mais leve de falar de amor e uma performance mais contida, ligada aos espaços de apartamentos e barzinhos (NAPOLITANO, 2007). Assim, Clara ao lançar seu primeiro LP parecia embarcar num

---

<sup>13</sup> Entrevista concedida por Dona Ana Filomena de Araújo Silva, irmã de Clara, a Silvia Brügger, Josemir Teixeira, Gina Biavati e Alice Dias, em Sete Lagoas, Minas Gerais, em 04/03/2005.

caminho anacrônico. Aparecia como uma cantora romântica. Gravava, sobretudo, boleros, por sugestão da gravadora, mas também porque de algum modo esse tipo de música fazia parte de sua trajetória e repertório até então. No entanto, uma coisa era um cantor como Altemar Dutra continuar com sucesso naquele momento, outra, bem diferente, era uma cantora novata querer iniciar uma carreira com um tipo de repertório que parecia não apresentar grandes perspectivas de futuro. Ao menos, em termos do *mainstream* da música brasileira.

Nos anos seguintes, Clara tentou conciliar esta opção de cantora romântica de boleros e versões com incursões pelo iê-iê-iê, então em voga. Parecia querer alcançar um filão do momento<sup>14</sup>. Mas esta não era a sua formação e, talvez, por isso, sua passagem pelo estilo tenha sido tão efêmera e sem sucesso. Já com as gravações de músicas de carnaval sua familiaridade era maior. Famosas cantoras do rádio, como Emilinha e Marlene, eram sempre campeãs, com a gravação de marchinhas e sambas. O registro vocal do rádio se adequava ao estilo momesco. Assim, compreende-se o reconhecimento alcançado por Clara em 1967, quando o samba “Porta Aberta” e a marcha “Carnaval na Onda” fizeram sucesso no carnaval<sup>15</sup>. No LP do ano seguinte, Clara gravou os sambas “Você Passa, Eu Acho Graça”, “Você não é como as flores”, “Cheguei à conclusão”, “Minha Partida”, “Que é que eu faço” e “Grande Amor”. Mas, sua performance permanecia presa aos parâmetros vocais anteriores.

A mudança de performance e a construção de uma carreira ligada às tradições populares brasileiras vem a partir do início da década de 1970, com a produção de Adelson Alves. Mas esta opção, de inspiração nacional-popular, também parece um pouco tardia em relação ao “trem da história”. Afinal, esta linha de pensamento estivera presente nos principais debates da música brasileira na década anterior<sup>16</sup>. No entanto, ao contrário da escolha do início da carreira, esta se mostrou acertada, levando a cantora ao estrelato e ao reconhecimento de público e crítica<sup>17</sup>. Isto se explica, entre outros fatores, pela forma que ela assumiu este projeto: não apenas como uma questão profissional ou política, mas conferindo-lhe caráter de missão religiosa.

---

<sup>14</sup> Esta aproximação se explica também pelo fato de ser Clara, à época, namorada de Aurino Araújo, irmão de Eduardo Araújo, um dos destaques da Jovem Guarda.

<sup>15</sup> Cf., entre outras, CÉSAR, Júlio. “Clara não teme ameaças!”. Revista Intervalo, no. 239, 1967, pp.46-47.

<sup>16</sup> Segundo Marcelo Ridenti, na década de 1970, o regime militar passou “a dar lugar aos intelectuais e artistas de oposição.” Assim formaram-se, por exemplo, instituições estatais de apoio à cultura, como, por exemplo, a Embrafilme, a Funarte, o Serviço Nacional do Teatro, etc; além do apoio à iniciativa privada nesta área. CF. RIDENTI, 2003.

<sup>17</sup> Obviamente, Clara Nunes não foi a única a manter a busca de valorização da cultura popular através de sua música, na década de 1970. Outros exemplos, com diferentes perspectivas, são Milton Nascimento e o Clube da Esquina, Maria Bethânia, entre outros.



Destaque-se, porém, que mesmo seguindo essa carreira ligada às tradições populares brasileiras, Clara não deixou de realizar o que previa o encarte de seu primeiro LP, ou seja, de se tornar “uma das maiores cantoras românticas do Brasil”<sup>18</sup>, embora não seja esta a imagem que ficou consagrada na memória e na história da música brasileira. A temática romântica é disparada a que mais se faz representar nos LPs da cantora. Ao todo, ao longo dos 16 LPs gravados, foram 112 músicas que apresentavam como temática principal ou secundária o amor. A distribuição ao longo da carreira pode ser percebida no quadro abaixo.

**Quadro 2 – Temas Românticos nos LPs de Clara Nunes**

| LPs                                   | No. de músicas com tema romântico |
|---------------------------------------|-----------------------------------|
| A Voz Adorável de Clara Nunes (1966)  | 11                                |
| Você Passa, Eu Acho Graça (1968)      | 11                                |
| A Beleza que Canta (1969)             | 8                                 |
| Clara Nunes (1971)                    | 9                                 |
| Clara Clarice Clara (1972)            | 6                                 |
| Clara Nunes (1973)                    | 6                                 |
| Alvorecer (1974)                      | 5                                 |
| Brasileiro Profissão Esperança (1974) | 16                                |
| Claridade (1975)                      | 7                                 |
| Canto das Três Raças (1976)           | 5                                 |
| As Forças da Natureza (1977)          | 4                                 |
| Guerreira (1978)                      | 8                                 |
| Esperança (1979)                      | 5                                 |
| Brasil Mestiço (1980)                 | 5                                 |
| Clara (1981)                          | 4                                 |
| Nação (1982)                          | 2                                 |
| Total                                 | 112                               |

Fonte: Discografia de Clara Nunes.

Brasileiro Profissão Esperança se destaca como o disco com maior número de músicas com este tipo de tema, o que se compreende facilmente. Trata-se do LP correspondente ao show homônimo, estrelado por Clara e Paulo Gracindo, em uma homenagem a Dolores Duran e Antônio Maria, dois nomes ligados diretamente ao samba-canção (MATOS, 2005: 107). Portanto, um disco e um espetáculo de homenagem aos dois só poderia mesmo ter como tônica o romantismo. Tomando, pois, “Brasileiro Profissão Esperança” como um caso à parte, deve-se destacar primeiro que, de fato, a temática amorosa foi mais intensa nos dois primeiros LPs de Clara. No entanto, manteve-se nos demais com uma regularidade e intensidade não superada por qualquer outro tema. Esteve representada também nos diversos gêneros gravados pela cantora.

<sup>18</sup> Encarte do LP “A Voz Adorável de Clara Nunes”. Odeon, 1966.

**Quadro 3 – Temas Românticos por Gêneros Musicais**

| Gêneros Musicais          | No. de músicas com tema de amor |
|---------------------------|---------------------------------|
| Bolero                    | 7                               |
| Samba-Canção              | 20                              |
| Canção                    | 17                              |
| Bossa                     | 1                               |
| Valsa                     | 3                               |
| Samba / Bossa             | 2                               |
| Balada                    | 1                               |
| Rock                      | 1                               |
| Rock Balada               | 1                               |
| Samba-Rock                | 1                               |
| Samba                     | 47                              |
| Partido Alto              | 2                               |
| Samba Ijexá               | 1                               |
| Marcha                    | 2                               |
| Forró                     | 1                               |
| Chula                     | 1                               |
| Xote                      | 1                               |
| Congado com Bumba Meu Boi | 1                               |
| Canto de Trabalho         | 1                               |
| Batuque                   | 1                               |

Fonte: Discografia de Clara Nunes.

Nota-se que o samba foi o gênero com mais músicas de temáticas amorosas gravadas por Clara, o que se explica por ser ele o gênero mais gravado por ela, em toda sua carreira. Os gêneros tradicionalmente românticos, como os sambas-canções, as canções e os boleros, também se apresentam de forma expressiva no repertório de tema de amor da cantora. Vale destacar que os boleros, em especial, se restringem aos anos iniciais de sua carreira (1966-69). No entanto, é interessante notar que os temas amorosos se apresentam também em gêneros ligados às tradições populares brasileiras, como o batuque, o congado com bumba-meu-boi, os cantos de trabalho e os ritmos nordestinos (forrós, xotes, etc.). Assim, pode-se pensar que cultura popular e amor não se apresentam como temas antagônicos no repertório da cantora, mas inclusive se articulam em uma mesma música, como é o caso, entre outras, de “Último Bloco”, samba gravado no LP “Claridade” de 1975 e do canto de trabalho “Puxada da Rede do Xaréu”, gravado no LP “Clara Nunes”, de 1971.

Por fim, para concluir, vale destacar que o parâmetro quantitativo é apenas mais um indício e não deve ser absolutizado nas análises culturais. Assim, embora quantitativamente, a temática amorosa se faça mais freqüente do que as ligadas à cultura popular, é como uma cantora das tradições populares brasileiras, sobretudo, as de matriz afro que Clara será mais lembrada na história da música brasileira. Isso se deve ao fato de ter conseguido sucesso no intento de construir uma “imagem áudio e visual” de cantora daquelas tradições. Não apenas seu repertório e sua performance se inseriam neste intento, mas também suas roupas, adereços, cenários de seus shows... E mesmo a postura na vida. Clara não apenas cantava o

popular, mas frequentava os locais de sua produção: rodas de samba na casa do compositor Candeia; as quadras das escolas de samba, em especial, da Portela – sua escola de coração; os terreiros de umbanda e candomblé, com destaque, no Rio de Janeiro, para o de Vovó Maria Joana (na Serrinha) e o da Nair (esposa do músico Barbosa do Conjunto Nosso Samba); as apresentações das pastorinhas, em Caetanópolis, entre tantos outros. Sua obra nutria-se de suas experiências pessoais.

### **Referências Bibliográficas**

FERNANDES, Vagner. *Clara Nunes: Guerreira da Utopia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de Emoções – Corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru: EDUSC, 2005.

MESSIAS, José. *Somos uma soma de pessoas*. RJ: Kades, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. *“Seguindo a canção”*: engajamento político e indústria cultural na MPB (1959-1969). SP: Annablume, 2001.

NAPOLITANO, Marcos. *A Síncopa das Idéias: a questão da tradição na música popular brasileira*. SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

RIDENTI, M. “Cultura e Política: os anos 1960-1970 e sua herança” IN: FERREIRA, J. e DELGADO, L.de A. N. (org.) *O Brasil Republicano – O tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. RJ: Civilização Brasileira, 2003.

RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. RJ/SP: Ed. Record, 2000.